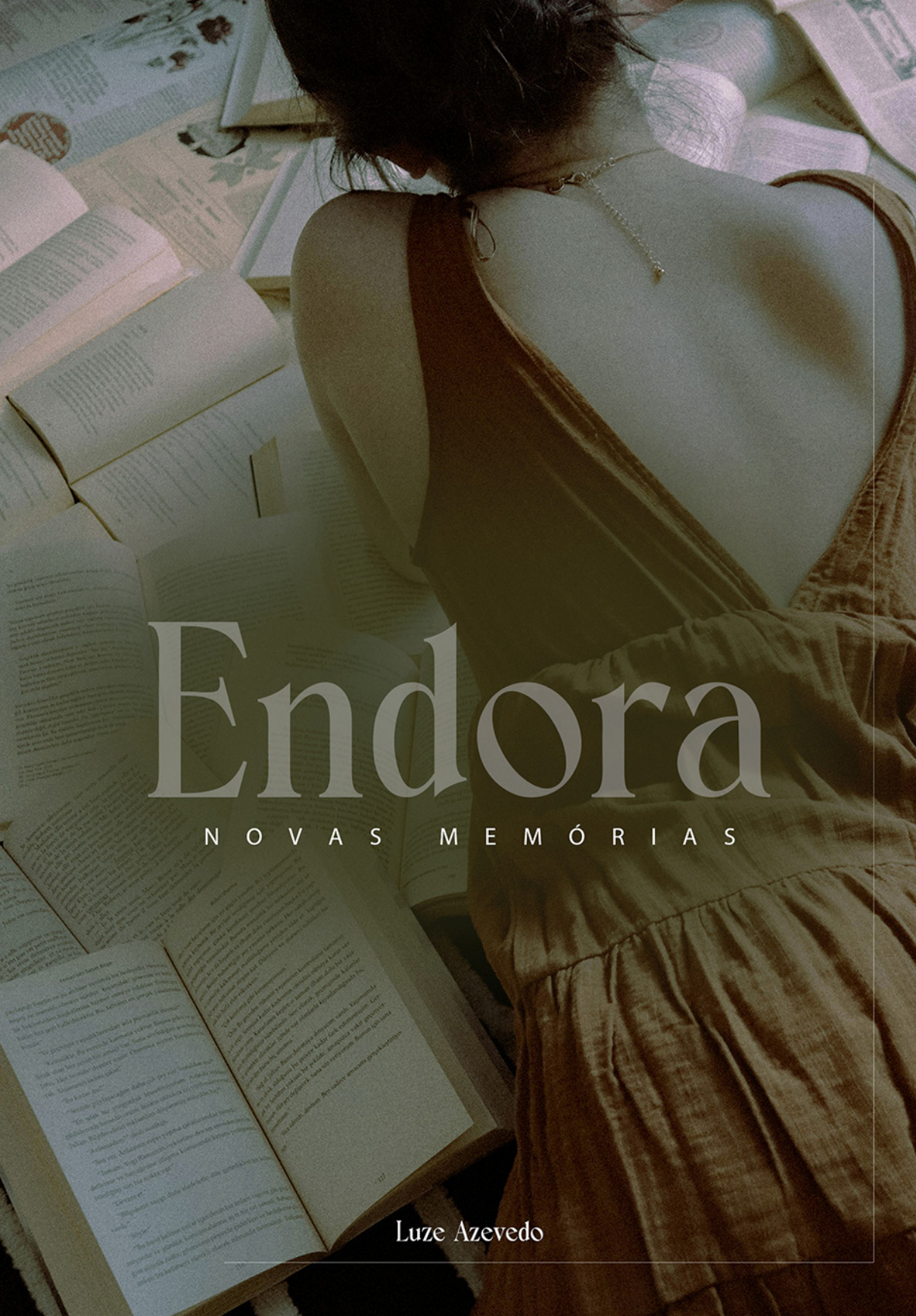


A woman with dark hair, seen from behind, is lying on a bed of open books. She is wearing a brown, low-cut, long-sleeved dress and a thin gold chain necklace. The scene is bathed in a warm, golden light, creating a nostalgic and intimate atmosphere. The books are scattered around her, with some open to various pages of text.

Endora

N O V A S M E M Ó R I A S

Luze Azevedo

SUMÁRIO

Reprodução da capa de 1994.....	10
---------------------------------	----

Não É Um Guia	13
---------------------	----

Este livro não pretende ser um guia prático, nem
conduzir você, leitor, a lugar algum.

AmoAmarVocê – Amor!.....	21
--------------------------	----

Esta é a frase que eu escutei durante a minha
infância, e escuto ainda nos dias de hoje.

De Onde Vem A Fé.....	23
-----------------------	----

O diploma do curso primário ainda estava fresco
em suas mãos, mas o sonho de continuar...

O Passado No Passado.....	33
---------------------------	----

Sou o coronel Arnaldo Garcia, senhor de quarenta mil
alqueires que se estendem de Presidente Prudente a Lins!

Criança Minha, Que Saudade!	53
-----------------------------------	----

Penso em você a cada instante em que o tempo me permite parar e pensar.

Véspera de Natal.....	63
-----------------------	----

Separar Rosival de tudo que ela simbolizava era
como arrancar suas asas, deixando-o preso...

Cafelândia	87
------------------	----

Rosival abriu o canivete com destreza, descascando
a laranja em movimentos precisos.

A Partilha	97
------------------	----

O tronco, imenso e pesado, era arrastado para a beira do eito no carretão.

Meu Amigo Leonel.....	109
-----------------------	-----

Diga o que pensa com esperança no coração.
Pense no que faz com a força da fé.

Ele Disse Sim	121
---------------------	-----

Em qualquer roda onde houvesse mais de um
homem a beber, o assunto não era outro...

Nascimento.....	129
-----------------	-----

Na boleia da carrocinha, ele estimulou o burrico,
fazendo com os lábios um barulho como...

Desculpa!.....	147
----------------	-----

Terminou, finalmente, a colheita. O último carro
de café foi carregado, levado e beneficiado.

A Sede de Vencer!	163
-------------------------	-----

A parteira aproximou-se do fogão e serviu-se de
uma caneca de café, buscando as palavras...

Os Grandes Amores	181
-------------------------	-----

Ao pôr do sol, o João-de-barro entoava sua sinfonia,
pousado no galho do abacateiro onde fizera seu ninho.

Segunda Parte	187
---------------------	-----

O aroma agradável do creme de barbear vinha
do banheiro e se espalhava pelo ar.

Eu e a Verneck	189
----------------------	-----

...vovô surgiu na escada dos fundos, montado em um
cavalo branco, imponente como um cavaleiro...

Quem Sou Eu?	197
--------------------	-----

No interior marcado pelo tempo e pelas tradições, uma
festa de São Pedro reúne familiares e amigos...

Às Escondidas	199
---------------------	-----

E Sob o véu dourado das plantações de café, onde o sol
beijava a terra como um amante impaciente...

É Preciso Decidir	207
-------------------------	-----

Depois de uma vida dedicada ao trabalho e à conquista
de seus sonhos, ele se via encurralado...

À Beira Mar	211
-------------------	-----

Em meio ao calor do final do verão em Bauru, um grupo
de amigos se reúne em um bar para conversar...

O Que Não Tem Remédio	217
-----------------------------	-----

Seu trabalho frutificou, cada gota de suor vertida na
terra da Verneck se transformou em frutos maduros.

Criando Raízes.....	221
---------------------	-----

O campo e seus mistérios me prendiam como raízes
invisíveis que eu havia criado ali eram...

O Coração Começa A Falhar	231
---------------------------------	-----

...era uma moça morena, de cabelos anelados a cair pelos
ombros, que esvoaçavam ao vento no galope do cavalo.

A Imagem	251
----------------	-----

Cada palmo do chão percorrido, cada colina, cada árvore ou
pássaro exótico, tornava-se íntimo dos meus sentimentos.

Reprodução da orelha do livro de 1994.....	255
--	-----

Reprodução da contracapa de 1994	256
--	-----

Criança Minha, Que Saudade!

Penso em você a cada instante em que o tempo me permite parar e pensar. Mesmo quando não posso, eu paro e penso. Você apareceu sem intenção e, intencionalmente, ficou...

“**V**estido de noiva”: assim chamavam um capão de mato que ficava a meio caminho para a cidade. O povo da vila contava uma história sobre uma cabocla que morava à beira do mato, próximo à ponte sobre o riacho de águas cristalinas, cruzando o caminho para a cidade.

Gaetana, uma jovem vibrante e cheia de sonhos, vivia com o pai em uma humilde casinha de pau-a-pique, cercada pela simplicidade do campo. Apaixonou-se por um boiadeiro que ali passou certo dia, e, após um breve namoro, ele prometeu casar-se com ela assim que retornasse de uma empreitada. Ele partiu, deixando-a cheia de esperanças. Porém, daquela empreitada, jamais voltou.

Com o passar dos dias e dos meses sem notícias, Gaetana, tomada pelo desespero, embrenhou-se no capão de mato e nunca mais foi vista. Alguns diziam que ela havia se envenenado; outros, que fora vítima de uma onça. Mas, anos depois, surgiram relatos de caboclos que afirmavam ter visto, sob a luz do luar, uma mulher vestida de branco à beira do mato, desaparecendo tão misteriosamente quanto surgia.

O dia amanheceu após uma noite de chuva forte, que turvou as águas do córrego e derrubou as flores da paineira na beira da cerca do curral. Rosival terminava a ordenha da última vaca, equilibrando-se na lama escorregadia enquanto o balde, cheio de leite espumante, tremia em suas mãos. Em sua outra mão, segurava cordas curtas de cedinho para a peia. O cavalo, preso ao mourão da cerca, esperava pacientemente, parecendo adivinhar a jornada que o aguardava. As irmãs, com bigodes de espuma do leite recém-tirado, observavam enquanto ele despejava o conteúdo no latão sobre um carrinho de rodas de madeira. Em seguida, ordenou-lhes, com seu jeito firme, que levassem o leite para a mãe, para que ela preparasse o queijo.

O tão aguardado terno estava pronto. O alfaiate havia mandado um recado por um primo que passara por lá, e Rosival preparava-se para ir à cidade buscar a encomenda. A cidade ficava a cerca de quatro léguas e meia de distância; era necessário sair logo para voltar antes do anoitecer.

Ele trouxe o cavalo para a varanda da casa e começou a prepará-lo para a viagem: alisou o pelo com a raspadeira, ajeitou os baixeiros ao lombo e colocou a sela. Depois, entrou para tomar um banho e se arrumar. Voltou à varanda, ajeitando o chapéu de feltro e calçando as esporas. Após fazer algumas recomendações às irmãs sobre o serviço do dia, montou com destreza e puxou a rédea, guiando o tordilho em uma graciosa meia-volta, seguindo pela estrada batida.

Naquele dia, o caminho até a cidade parecia mais leve. Rosival as-sobiava enquanto seus olhos se perdiam nos campos tingidos de lilás pelas flores de gordura, os ipês e as paineiras floridas renovando-se a cada passo. O cavalo trotava com firmeza na estrada úmida da chuva da véspera, enquanto os pensamentos de Rosival corriam à frente.

Chegou à cidade com o sol a pino, parando o cavalo em frente à loja do alfaiate. O terno serviu-lhe como uma luva: um paletó jaquetão com botões duplos e calças largas de linho. O alfaiate embalou o traje em papel pardo, e Rosival, após pagar com suas economias, montou e partiu. Ao passar pela venda, ouviu um chamado de seu primo Heitor, que o convidou para uma cerveja preta.

— Apeie, Rosival. O dia está quente! Vamos tomar uma pretinha! — disse o primo.

Rosival pretendia voltar direto para casa, mas cedeu à saudade e ao convite para uma conversa. Desceu do cavalo e entrou na venda para se refrescar.

A conversa se estendeu, e ele aceitou o convite para um lanche. Quando percebeu, já passava das cinco da tarde. Despediu-se apressadamente e retomou o caminho.

O sol já se punha quando parou no riacho para deixar o cavalo beber. Os últimos raios de luz refletiam nas águas, tingindo-as de dourado. A lua cheia prometia uma noite clara, e ele seguia atento aos contornos das serras distantes, enquanto o trotar do cavalo ecoava na estrada deserta.

Ao avistar o capão de mato conhecido como “Vestido de Noiva”, uma sensação de inquietude tomou conta de seu peito. A história da cabocla esquecida veio à mente, e ele sentiu um arrepio ao pensar que talvez houvesse algo de verdadeiro no conto. Passou pelo trecho

de vegetação densa com o coração acelerado, pronto para disparar o tordilho ao menor sinal de perigo.

Quando estava prestes a sair do túnel de árvores, o cavalo parou, atento a algo à frente. Rosival percebeu, à luz da lua, um vulto branco à beira da estrada. Sentiu o sangue gelar, e o cavalo bufava nervoso.

Com o coração acelerado, Rosival desceu da sela com cautela, puxando o cavalo pelo cabresto, os olhos fixos no vulto à frente. Ao se aproximar, riu ao perceber que seu “fantasma” era apenas uma moita de assa-peixe, que brilhava à luz do luar. No entanto, o cavalo continuava inquieto, e ele percebeu que algo mais estava por ali. Acendeu um fósforo e viu dois olhos brilharem no meio da moita: era um filhote de onça!

Rapidamente, montou de novo e saiu a galope, sabendo que a onça-mãe poderia estar por perto.

A noite já avançava quando Rosival finalmente abriu a porteira de arame em frente à varanda de casa. O tordilho, cansado da longa jornada, respirou fundo ao chegar, seus passos lentos ecoando no silêncio da noite.

— A vaca mocha pariu — pensou ele, ao notar a ausência do animal no cercado do pasto, enquanto se preparava para iniciar a ordenha.

O dia começava a clarear, com a tímida luz da madrugada espreitando entre as nuvens carregadas, que deixavam cair um chuveiro persistente, molhando o capim e vergando suas pontas repletas de sementes.

Ele reuniu o gado no curral enlameado, aos tropeços, e organizou balde, latão e as cordas para a ordenha. Ordenhar as vacas em dias chuvosos era um desafio: as cordas cobriam-se de barro, sujando suas mãos e roupas; os animais, inquietos, moviam as patas, e, às vezes,

um golpe acidental de lama caía no balde, estragando o leite, que ele despejava para os porcos.

Mas, naquele dia, nada parecia capaz de apagar o bom humor de Rosival. Era o dia “D”, o tão esperado dia do baile, e a expectativa enchia-lhe o coração de leveza e alegria, fazendo-o ignorar os incômodos do trabalho e sonhar acordado com a noite que estava por vir.

A vaca mocha ainda não havia aparecido quando ele terminou de ordenhar. Apressou-se nos demais afazeres e selou o tordilho, saindo pela porteira para buscá-la. Passou pela copaíba, onde a cerca fazia uma curva em direção ao córrego, mas sabia que, num dia chuvoso como aquele, era mais provável que o animal estivesse na cabeceira do pasto, longe do brejo.

A uma pequena distância da cerca da cabeceira, encontrava-se uma mangueira gigantesca, cuja copa formava um grande círculo de sombra sobre o capim, criando um chão macio de folhas secas. Ali, protegido dos pingos da chuva, Rosival encontrou a mocha, ruminando preguiçosamente enquanto uma linda bezerra malhada lhe dava cabeçadas no úbere, faminta por leite.

Com um sorriso, Rosival desmontou, puxando o tordilho pelas rédeas para se aproximar. A vaca mocha, sempre mansa e tranquila, olhou-o com serenidade e, ao virar o pescoço, deu uma lambida afetuosa na cria, como se a estivesse apresentando ao vaqueiro. Ali mesmo, ele ajudou a bezerra em sua primeira mamada, garantindo que ela tomasse bastante colostro, e em seguida conduziu mãe e filha para o curral, onde havia um pequeno cercado coberto, forrado de capim seco, destinado a proteger os animais recém-nascidos da umidade e do vento.

Quando terminou de acomodar os animais, já era hora do almoço, e seu estômago roncava, denunciando a fome. Lavou o rosto e as mãos

na bica e entrou em casa, sentindo o cheiro do feijão que fervia sobre o fogão a lenha.

Após comer como um frade, decidiu tirar uma rápida soneca, preparando-se para a noite que prometia ser longa. O terno novo, guardado no armário, parecia esperar ansioso pela sua estreia.

À tarde, um tímido raio de sol despontou entre as nuvens, como se soubesse da importância daquele dia e forçasse o aguaceiro a dar uma trégua. O calor abafado do final do dia o fez levantar-se com energia renovada. Espreguiçou-se, afastando a preguiça, e foi preparar o tor-dilho, que descansava no piquete, comendo milho no cocho à sombra de uma mangueira.

Com o cavalo já selado e bem escovado, Rosival prendeu-o ao gancho do pilar da varanda, entrou em casa e tomou um banho caprichado. Vestiu-se com cuidado, embalando o terno em um lençol para não amassá-lo, e saiu, assobiando uma canção alegre enquanto se dirigia à rua.

Ainda havia luz do dia quando ele parou em frente à venda e entrou para dois dedos de prosa. Mestrin, sempre com o sorriso do dente de ouro brilhando, puxou debaixo do balcão um garrafão empalhado e ofereceu-lhe um trago de cachaça envelhecida.

— Hoje eu aceito, Mestrin!

— Hoje é dia de festa, Rosival, é um dia especial.

— Sou um dos festeiros da quermesse, logo mais à noite — continuou Mestrin —, e já mandei a mulher preparar uma leitoa ao forno para o leilão. Quero que você se sente à nossa mesa para um copo de vinho com a gente!

— Pode deixar, Mestrin, vou conferir o sabor da leitoa.

Tomou a dose de cachaça de um só gole e sorriu quando Mestrin despejou outra no copo. A venda estava animada, com fregueses habituais que se preparavam para a noite de festa. Rosival, após mais um tempo de conversa, despediu-se e saiu rumo à praça, onde a quermesse já começava a ganhar vida.

Cruzou a praça, ouvindo o burburinho dos preparativos e os risos dos que se divertiam. O leiloeiro já fazia seus pregões, e a música de um conjunto com seu sax choroso preenchia o ar. A festa estava animada, e Rosival procurou o amigo Mestrin, que se encontrava numa mesa ao lado da família, saboreando vinho e a leitoa assada. Ao vê-lo, Mestrin fez questão de lhe ceder um lugar, e a conversa animada continuou entre risadas e brincadeiras.

Dona Eulália, esposa de Mestrin, que observava tudo com um sorriso malicioso, aproveitou uma pausa nas risadas para provocar Rosival:

— Um passarinho me contou que você veio ao baile para encontrar alguém especial! É isso mesmo?

— Ora, Dona Eulália, nada disso! Só quero me divertir um pouco e apreciar a dança — respondeu ele, disfarçando o rubor.

A conversa tomou outros rumos e, após algumas garrafas de vinho, a hora do baile se aproximava. Rosival despediu-se, agradecendo o convite do amigo, e tomou a direção do salão de festas, com o som da música e dos risos ainda ecoando em seus ouvidos.

No salão, o baile já havia começado, e a orquestra da Capital encantava a todos com sua valsa. Os casais rodopiavam pelo salão, e Rosival, da amurada no alto das escadas, observava, procurando entre os dançarinos a presença que desejava tanto ver.

Foi então que a viu. Janaína, radiante em um vestido de veludo vermelho com rendas delicadas, dançava com um rapaz de fraque. O riso e os olhos brilhantes dela pareciam não perceber o restante do salão. O coração de Rosival apertou-se ao vê-la assim, tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante.

O vestido vermelho rodopiava em sua mente, e ele sentiu o chão faltar-lhe aos pés. O primo Heitor, que o acompanhava, notou sua palidez e ofereceu-lhe apoio. Rosival, alegando cansaço e um pouco de vinho a mais, deixou o salão, dizendo que iria para casa.

Mas, ao sair, em vez de seguir para o repouso, tomou a direção da venda onde deixara o cavalo. Em silêncio, ele encilhou o tordilho e partiu a galope, guiado por um desespero que ele mal sabia explicar.

O vento frio da noite cortava-lhe o rosto, e os pensamentos giravam como uma tempestade dentro de sua mente. As lembranças da dança, o brilho dos olhos de Janaína e o vestido vermelho misturavam-se em uma dor que parecia insuportável.

Chegando ao cruzheiro da fazenda Olhos d'Água, Rosival sentiu um alívio momentâneo. Desmontou ao lado da grande aroeira, com a lua cheia iluminando a árvore e o campo ao redor. Murmurou uma prece improvisada, pedindo força para suportar a dor que o rasgava por dentro.

Lágrimas silenciosas traçavam seu rosto, levadas pelo vento cortante da madrugada. Após um longo momento de solidão e preces murmuradas, Rosival subiu novamente ao lombo do tordilho. Não precisou guiá-lo; o cavalo, como que sentindo o peso das emoções do dono, seguiu por conta própria, cortando as sombras da noite rumo ao lar.

De volta à sua cama, não conseguiu conter os soluços que vinham do fundo de sua alma. Abraçou o travesseiro e, antes de adormecer, sussurrou para si mesmo:

— Nunca mais, italianinha, nunca mais!

Véspera de Natal

Separar Rosival de tudo que ela simbolizava era como arrancar suas asas, deixando-o preso à monotonia sufocante da vila. Cada dia ali parecia uma sentença lenta, privando-o da liberdade que antes lhe dava vida, onde desocupados tagarelavam e se intrometiam nas vidas alheias. Era como cortar as asas de um pássaro, interrompendo seu voo em plena liberdade.

A pesar da época das chuvas, o dia amanheceu ensolarado. A vila fervilhava com o vai e vem na rua do comércio, onde cavaleiros, carroças e carros de bois se misturavam em um alegre clima de festa.

Durante todo o ano, os trabalhadores das fazendas vinham à vila para fazer suas compras nos dias de pagamento. Alguns poucos possuíam um cavalo magro para ajudar com a carga; porém, a maioria voltava a pé pelas estradas empoeiradas, curvados ao peso dos sacos brancos de algodão cheios de mantimentos.